

PAPEL DA MULHER NOS CONTOS “AMOR” E “A IMITAÇÃO DA ROSA” DE CLARICE LISPECTOR

BARBOSA, Tatiane Carvalho ¹

Prof. Thyago Madeira²

RESUMO

Esse trabalho objetiva fazer uma reflexão sobre o papel da mulher nos contos “Amor” e “A imitação da rosa” de Clarice Lispector. As personagens Ana e Laura, através da sociedade patriarcal, vivem em função da instituição familiar. A dominação masculina apresentada nas narrativas confirma o regime opressor como um processo natural. Assim, entendemos que o papel da mulher nos contos de Lispector centraliza-se no núcleo familiar, seus afazeres domésticos, bem como na função de zelar sempre em prol do bem estar de todos, sendo reprimidas e condenadas à resignação e determinadas em padrões sociais que não consideram os seus desejos, direito de escolha ou sua liberdade.

PALAVRA- CHAVE: Papel da mulher; Opressão; Sociedade.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the role of women in the stories "Love" and "The imitation of the rose" by Clarice Lispector. The characters Ana and Laura, through the patriarchal society, live according to the family institution. The male domination presented in the narratives confirms the oppressive regime as a natural process. Thus, we understand that the role of women in the Lispector tales centers on the family nucleus, her domestic tasks, as well as on the function of always caring for the well-being of all, being repressed and condemned to resignation and determined in social standards that Do not consider their desires, right of choice or their freedom.

KEYWORDS: Women's role; Oppression; Society.

¹Acadêmica da Especialização *Lato Sensu* em Estudos Literários da Universidade Estadual de Goiás (UEG), tatypercea2010@hotmail.com

²Orientador e Professor Especialista da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Posse, Thyago Madeira – email: thymad@gmail.com

INTRODUÇÃO

A mulher vem se destacando nos últimos anos em todas as esferas do mundo globalizado e capitalista, por isso torna-se necessário o estudo de sua condição feminina e do seu papel social retratado na literatura. Assim, desenvolveremos uma análise dos contos “Amor” e “A Imitação da Rosa” de Clarice Lispector, que evidenciam personagens distintas, mas fadadas aos mesmos destinos de ser mulher. Clarice, magnificamente, aborda nos contos o destino biológico da mulher e de sua condição de desigualdade de gênero.

Não é uma temática nova, já que essa dicotomia entre homem e mulher se arrasta ao longo do tempo e, apesar das intensas transformações, o gênero feminino ainda é vítima de ideologias impregnadas erroneamente na história. Simone de Beauvoir, ícone feminista e filósofa existencialista, através da publicação do ensaio "O segundo sexo" (1980), faz uma análise detalhada da opressão das mulheres e do seu papel social. Defende em sua obra que: "a pessoa não nasce mulher, mas antes torna-se mulher" (p.9), mostrando assim que não acreditava na "natureza humana" e sim que esta é moldada através de convenções.

Para Beauvoir, essa dualidade dos sexos tem sido traduzida por um conflito, em que um, o homem, conseguiu impor sua superioridade desde o início. O drama da mulher é visar como todo ser humano, sua liberdade autônoma, em um mundo que o homem impõe a condição do outro, pesando sobre ela um destino fisiológico, psicológico ou econômico, sustentado por pontos de vista da biologia, da psicanálise e do materialismo histórico que a envolvem.

No passado, o regime patriarcal era totalmente dominante. Atualmente a realidade é outra. Através da inserção das mulheres no mercado de trabalho e de lutas feministas, revelam-se possibilidades de escolha, configurando uma nova mulher, problematizando a relação de gênero e questionando seu papel socialmente. A partir do momento em que foram forçadas a trabalhar na Revolução Industrial, notaram-se capazes de ser independentes e lutar por seus direitos e pela igualdade.

A personagem principal do conto “Amor” demonstra insatisfação pela sua condição de mulher, com uma rotina de mesmice, monotonia e tranquilidade. Por meio de uma tomada de consciência, ela rompe com um processo de alienação em que vive, questionando seu papel como sujeito ativo na sociedade.

Já em “A Imitação da rosa”, a personagem Laura é uma mulher sentenciada a viver a

insensatez da vida. Toda a estrutura patriarcal que a circula se aproveita do seu desequilíbrio emocional para contesta- lá, anula- lá e diminui- lá. Assim, sua insatisfação é revelada pelo fato de não se identificar com o lar. Na vida de Laura, todos os afazeres domésticos são planejados detalhadamente, uma vez que, em sua formação, o ser feminino foi educado para aceitar com resignação a sua fadada vida, em que está sempre à margem das realizações pessoais. Nesse sentido, Laura é a representação da submissão e opressão.

A ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1926 em Tchetchenilk na Ucrânia. Veio ainda bebê para o Brasil com os pais, onde formou-se em Direito. Em 1943 escreveu seu primeiro romance (*Perto do Coração Selvagem*). Casou em 1944 com o diplomata Maury Gurgel Valente. Moraram vários anos entre Estados Unidos e Europa. Separou, trabalhou como tradutora e jornalista. Morreu no Rio de Janeiro em 1977.

Ficou mais conhecida pelo romance “*Perto do coração selvagem*” (1943) “*A paixão segundo G.H.*” (1964) e “*A hora da Estrela*” (1977). Utiliza metáforas, fluxo da consciência, revelando a opacidade do ser e seu psicológico. Para Clarice, escrever é um ato de conhecimento da realidade psicológica dos seres.

Clarice destacou-se na terceira fase do Modernismo, período em que a linguagem é empregada como mecanismo da busca do ser, e instrumento expressivo. Tinha o manejo da linguagem, buscando respostas para entender o sentido da vida humana, que se mascara atrás do dia a dia monótono, sem graça e vazio. Em suas obras, denota o esforço do sujeito em buscar o sentido de sua existência e do mundo em que vive.

A MULHER NOS CONTOS “AMOR” E “A IMITAÇÃO DA ROSA”

“Amor” e “A Imitação da rosa” são contos do livro *Laços de Família*, publicado em 1960. Narrados em terceira pessoa, retratam de forma enigmática o âmago das personagens e expõe, de certa maneira, uma visão pessimista e perturbadora da condição feminina. Há durante os enredos o

fluxo da consciência e monólogo interior, em que direciona o personagem a uma reflexão. Sobre isso, Fernandes afirma que “A narrativa da terceira pessoa, como se pode perceber é destituída de vida. A personagem é colocada nos fatos sem vivenciar, sem ter consciência plena de sua existência, de sua posição no mundo, na sociedade e no desenrolar dos fatos” (FERNANDES, 2012, p. 245).

O conto “Amor” foi publicado pela primeira vez numa coletânea em 1952, intitulada “Alguns Contos”, juntamente com outros seis. A narrativa remete o percurso de autoconsciência e autodescoberta da protagonista Ana perante seu papel social. Há um esforço notório de Ana para encaixar - se nas convenções sociais, em que sentia necessidade de servir a sua família e manter sempre o controle. Assim, Ana resigna- se a sua sina, construída por valores sociais que foram moldados pelos homens.

Sobre essa questão, a filósofa feminista Bourdieu (1980) afirma que:

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem um o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram-se parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram- na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (BOURDIEU, 1980, p. 97).

A personagem já estava tão acostumada à sua rotina que descrevia certo momento do dia, quando já havia terminado os afazeres de "hora perigosa da tarde", pois o ócio lhe traz desconforto. Assim, ela aceita sua condição de mulher. Em vários momentos da narrativa predomina a alienação e o contentamento, retomando a falsa sensação de ilusão sobre decisões em sua vida: “O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera”. (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Na volta de Ana do supermercado, já dentro do bonde e seguindo para Humaitá, depara- se com um homem parado que causou lhe grande inquietação, era um cego que mastigava chiclete. A estabilidade da vida doméstica é quebrada, quando ela começa a observá-lo, e a partir de então a incerteza, a insegurança e o medo permeiam a sua mente. O cego possui uma identidade e isso a deixa cheia de inquietações. Desperta a sua voz interior, fazendo-a refletir sobre suas obrigações familiares e sociais, e na possibilidade de descoberta e libertação.

A protagonista se compara ao cego na escuridão que compartilham diante da vida. O

mastigar do chiclete de maneira mecânica pode ser visto como o fazer das tarefas diárias e, por isso, Ana tem a epifania da consciência de sua própria existência. Nesse momento, ela questiona sua vida, reflete sobre o papel tradicional que a ela foi imposto enquanto mulher.

A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão- e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam por onde ir. (LISPECTOR, 1998, p.22-23)".

Essa epifania deixa a entender que a consciência e a racionalidade são representadas simbolicamente pelo apartamento e a casa. Já a inconsciência e a libertação mental acontecem através do bonde e do bosque. Estes simbolizam os desejos que estavam reprimidos e se tornam um meio para a fuga da realidade. O seu íntimo é permeado de compaixão, um momento em que há uma abertura para a materialidade do mundo: “o que chamara de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada” (p, 23).

Esse acontecimento faz com que Ana mude sua forma de interagir com o mundo:

A saída para a rua implica, num primeiro momento, o continuar das tarefas rotineiras do seu dia a dia, uma espécie de continuação do ambiente controlado da casa e da sua missão como mãe de família. Portanto, vai ser na rua que Ana será impelida a enfrentar o "perigo de viver" a por a prova o tal de ar de mulher destinada a desempenhar uma missão ancestral. (FIGUEIREDO, 1997, p. 59).

Ana não relata nada do que acontecera com o marido, não expressando suas angústias e o anseio de sua alma. O tocar do sino alerta para as cobranças sociais e acorda a personagem para as obrigações que orientam a sua vida. Assim, a protagonista continua se dedicando a instituição familiar.

De certa forma, ela se sente útil, assumindo novamente sua condição de mulher. O próprio título “Amor” faz uma analogia ao sentimento que prevalece e faz com que apesar da experiência de reflexão e descoberta, a personagem continue nos laços familiares.

Em “A imitação da rosa”, Laura é uma personagem que possui um desequilíbrio emocional, mas que apresenta estar bem durante a narrativa. Como no conto anterior, ela demonstra uma invisibilidade e impessoalidade pela inferioridade e submissão diante da figura masculina. Tem uma rotina organizada já demonstrada no início do conto. Não tem consciência sobre o seu Eu.

Antes que Armando voltasse do trabalho a casa deveria estar arrumada e ela própria já no vestido marrom para que pudesse atender o marido enquanto ele se vestia...Mas agora que ela estava de novo “bem”, tomariam o ônibus, ela olhando como uma esposa pela janela...(LISPECTOR, 1998, p. 34).

Em diversos momentos da narrativa, Laura se compara a sua amiga Carlota, até mesmo na organização da casa. A sua é impessoal e fria, enquanto a de Carlota parecia com a mesma. As duas eram pessoas opostas, uma, a representação de uma mulher mais moderna para época, ambiciosa, não via perigo em nada. Enquanto Laura era submissa até na relação de amizade, sendo lenta cuidadosa, obediente e seguidora de normas.

Sua infância foi numa basílica do Sagrado Coração, um templo da Igreja Católica romana localizada em Paris, Sacré Coeur. Lá pediram-na que lesse “Imitação de Cristo”, um manual de devoção escrito por Tomás de Kempis, no século XV. Seu escrito objetivava auxiliar nas orações, e no cumprimento das práticas morais cristãs da época. Confessa que leu, mas não compreendeu nada. Para ela quem tentasse imitar Cristo estaria em pleno pecado, “perdido na luz”.

Quando cresce, é colocada como propriedade privada quando dada pelo pai e padre ao seu marido. Revela-se uma reificação do ser feminino, uma retomada do patriarcalismo, e uma adequação das normas daquele período, em que todas estavam fadadas ao matrimônio pelo destino de mulher. O sociólogo Ota Klein (1969) sobre a organização social diz: “O modo de vida é assim a totalidade das formas de vida próprias a uma formação social específica num período histórico específico”, ainda complementa que:

Do berço ao túmulo o homem faz parte da coletividade que é a família patriarcal, mas ele se torna consciente dessa integração; donde, a certeza de uma ordem. Portanto, não é surpreendente que as elites políticas e intelectuais tenham exercido uma pressão preventiva para impedir que o edifício tão habilmente construído sofresse mesmo a mais leve depredação. (KLEIN, 1969, p.44).

Assim, a representação social do próprio corpo é feita a partir de uma alienação simbólica dos saberes como universais, através dessa comparação, o homem é relacionado à razão e a mulher a subjetividade. A filósofa Beauvoir sobre essa ênfase afirma que:

Para grande número de mulheres os caminhos de transgressão estão barrados: como não fazem nada, não se podem fazer nada; perguntam se indefinidamente o que poderiam vir a ser, o que as leva a indagar o que são: é uma interrogação vã; se o homem malogra em descobrir essa essência secreta é muito simplesmente porque ela não existe. Mantida a margem do mundo, a mulher não pode definir-se objetivamente através desse mundo e seu mistério cobre apenas um vazio. (BEAUVOIR, 1980, p. 304).

Quando Laura arruma a penteadeira, olhou-se no espelho, entrando num diálogo interno, busca se reconhecer e faz analogia a sua aparência, que é de uma dona de casa, com cabelos presos e demais atributos postulados para a mulher. Tal objeto passa a ser um veículo para um estado de autoconsciência. Além disso, Laura julga que não ter filhos é uma ofensa, já que entre os diversos papéis que a sociedade a preparou e idealizou um deles era de ser mãe. Ela praticamente não mantém contato externo ao mundo, exceto pelos comentários advindos de Carlota, do médico e do marido.

Como uma mulher resignada, Laura busca sempre uma aceitação das pessoas e uma construção da sua identidade. No casamento, nota-se claramente que Armando e Laura tem uma relação estagnada, a mulher é invisível ao marido. A própria personagem contribui para a construção de uma imagem negativa do seu próprio sexo.

O casal é uma unidade fundamental cujas metades se acham presas indissolavelmente uma à outra: nenhum corte é possível na sociedade por sexo. Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro. (BEAUVOIR, 1980, p. 13).

Algumas passagens revelam as sensações de devaneio as quais ela estava e que retornara recentemente: “Não mais aquele ponto vazio e acordado horrivelmente maravilhoso dentro de si. Não mais aquela independência” (p.38), “ela super-humana e tranquila no seu isolamento brilhante” (p, 38), “essa moça da Tijuca que inesperadamente, como um barco tranquilo se empluma nas águas, se tornara super-humana” (p. 38).

O objeto desencadeante de toda a pretensa normalidade da narrativa são as rosas que Laura compra, e interrompem a sua rotina pelo deslumbre e fascinação, sendo um elemento de desequilíbrio e questionamento. Elas também assumem um papel de inibidor de cansaço. Com as rosas, o sublime é evidenciado e faz com que esta volte a ser capaz de se sentir independente, a ponto de relacionar se com o mundo físico do qual faz parte.

As rosas tornam se o elemento primordial da narrativa, dividindo o conto em momentos: o que antecede ao aparecimento delas, momento de estabilidade; a desestruturação causada pelo envolvimento e contemplação das rosas; e o desfecho de reflexão diante do ato de dar ou permanecer com elas.

Um conflito aflige a personagem: ser uma boa esposa ou uma mulher que concretiza seus desejos individuais. Decide dar à rosa para Carlota, pois julga não merecê-la, mas ao fazer isso

retoma novamente ao vazio de sua existência, revelando uma ausência de liberdade e de amor. No conto, a rosa simboliza o objeto de desejo, de resistência e de reafirmação.

O ato da entrega simboliza o mergulho definitivo no seu mundo interior, numa solidão perfeita, revelando de fato quem ela é. Ficar com ela representa a sua ligação com o mundo exterior, em que sua existência se dá unicamente para agradar os outros. Duela com sua consciência, num confronto entre o Eu ou os Outros. Por fim tornou se luminosa e inalcançável no mundo paralelo do qual somente ela faz parte, sem convenções ou função social imposta.

Em ambos os contos, partindo de um pressuposto feminista, o alheamento e a fugacidade se tornam uma rejeição dos papéis que a mulher está sujeita em seu cotidiano. Podemos perceber que elas possuem uma complexidade psíquica muito grande. Segundo moldes patriarcais a voz feminina é sufocada, causando uma crise existencialista nas personagens.

O Eu feminino apresenta crises de identidades que foram fundamentadas em seus deveres e obrigações e deixaram de lado suas ânsias individuais. Assim, a inferioridade feminina era notória e seu papel definido e inquestionável. Porém algumas mulheres já ensejavam a liberdade e a igualdade. Nos anos em que a obra foi escrita, o homem era o líder da família e o responsável por todas as decisões que fossem tomadas.

Com a temática em seu apogeu, os contos despertam ainda mais o embate dicotômico da época: liberdade e tradição. Tempo de grandes mudanças e evolução feminina, e com a criação da pílula anticoncepcional, cabe à mulher daquele período tomar decisões em relação ao seu próprio corpo e desejos. Paralelamente ao contexto começa a ganhar direito de estudar, trabalhar, e decidir de fato o que quer ser. De acordo com Beauvoir (1980, p. 13):“Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens- pai ou marido!”.

O papel da mulher abrange aspectos sociais, culturais e psicossociais em qualquer época, sendo de suma relevância na organização mundial. Nessa perspectiva, a cultura influencia a sociedade. Ela projeta conceitos de padronização e normatização que devem ser seguidos ou aceitáveis.

Destaque-se como o masculino é rubricado por papéis sociais específicos (marido, pai, padre e médico) e de que modo o feminino se situa dentro dessa esfera de poderes, o que, de certa forma, auxilia a compreensão da proposta crítica do conto, onde o dado de cumprimento do dever burguês feminino se atualiza na relação que se estabelece com o cerco masculino..A paz resulta, então, da aceitação por ambos — masculino e feminino — de seu papel num quadro social previamente dado. (SANTOS, 2012, p. 54).

Clarice nos contos apresenta as mulheres incapazes de ser sujeito de sua própria história. As narrativas parecem não oferecer saídas para mudar o destino das protagonistas, pois ambas estão dentro de uma sociedade que as condicionam e interferem em sua liberdade individual. Sabendo-se que é postulado um paradigma da oposição masculino/feminino, numa relação de gênero e supremacia masculina, e é notória nos textos a opressão que estão sujeitas na sociedade tradicional. Essas mulheres são retratadas através de uma construção social e histórica regido pelas normas.

Nos contos são abordados os movimentos no espaço do seu lar, ambas são atarefadas, mas demonstram certa pontualidade e organização no cumprimento das funções, denotado a uma alegria de dever cumprido e satisfação. Espera-se das mulheres que sejam sempre simpáticas, atenciosas, submissas, discretas.

Desde pequena Ana e Laura aprenderam a simbologia presente no dinamismo da família, instituição mais significativa e primeira da qual faz parte, tendo os papéis sociais definidos por todas as instituições, inclusive a igreja. Num monólogo interior e fluxo da consciência, questionam e dialogam com o mundo, numa tentativa extrema de se encontrar.

Perante o materialismo histórico, foco principal da discussão, a mulher é movida por meio da sociedade e sua estrutura econômica. Desde os tempos primitivos, cabe a mulher a responsabilidade pelo seu lar, enquanto o homem pescava e caçava. O direito paterno sobrepõe-se ao materno, iniciando assim a família patriarcal, em que a mulher é oprimida, e entrega-se a servidão doméstica, e o homem preza-se pelo capricho sexual.

Nessa dinâmica Ana e Laura aderem ao absurdo da existência, fazendo as coisas sem saberem o motivo, e oprimidas pelo sistema. Há uma confrontação com a vida e com o cotidiano na tentativa de interpretar a vida e entender sua existência. Essa mudança de perspectiva fictícia simbolicamente corresponde à vida real das mulheres daquela época que buscavam ser no mundo.

No enredo, o discurso existencialista toca a questão da essência enquanto criatura universal, inútil e sem sentido. Há uma dicotomia entre a visão do interior e a compreensão do exterior, fazendo uma relação causa e consequência. As protagonistas refletem sobre sua liberdade e seu papel diante do mundo. O estudioso Fernandes (2012, p. 41) afirma que: “No momento em que o ser do homem é lançado na existência, é ele obrigado a empreender uma travessia: expressão de sua plena realização no mundo, ou a amostragem de seu literal fracasso”.

Em sua subjetividade querem apenas ser responsáveis por aquilo que são. Sobre esse enfoque Sartre (1978, p.218) revela que, “o primeiro esforço do existencialismo é de pôr todo

homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir à total responsabilidade de sua existência”. Diante dessa perspectiva, nota-se a mulher como uma vítima de um regime social que dita normas e práticas sociais visa apenas o direito de atuar no mundo do qual faz parte.

As personagens constroem se e desconstroem a cada descoberta da nova realidade. Ambas querem uma identidade, efetivada no poder da escolha, amor próprio. Quando tomam consciência de si vivem uma angústia pelo seu estado de inferioridade. Procuram- se porque estão perdidas no próprio ser. Analisam o coletivo e o individual. Descobrem- se, mas sabem de suas limitações. O drama da mulher é a reivindicação fundamental de direitos para se tornar essencial. Pesa sobre esta, um destino fisiológico, psicológico ou econômico.

Como sabemos, a inferioridade atribuída á mulher é fruto de significações culturais que autorregulam seu papel e função. Nota-se que a diferenciação da dicotomia homens x mulheres constrói se em cada época, tendo diferentes representações geracionais, construindo significações internas e complexas de relações. Para Borges (2014, p. 152) a geração é:

Uma dimensão fundante da vida social, em articulação inextrincável com as já referidas categorias relacionais de semelhante magnitude, projeta-se mais especificamente que aquelas, na dimensão temporal, tempo simultaneamente "natural" e social, segundo o qual faz e refaz seus sentidos (BORGES, 2014, p. 152).

A humanidade é masculina e o homem caracteriza a mulher. E por conta disso, a opressão é revelada no reducionismo de seu papel para reprodução e funções domésticas, portanto sob enfoque masculino é delimitado a mulher sempre estar no espaço privado atribuído a casa. O homem vê na mulher a busca de si, reconhecendo na uma liberdade e a mulher se afirma em face do homem como uma liberdade. A liberdade faz com que tenha consciência do ser, denotando decisão, ação, escolha, porém são direcionados pela ordem psicossocial e ideológica.

Os contos, tanto na forma como na temática, visam abrir os horizontes da sociedade, propiciando uma reflexão na importância do futuro e sua responsabilidade na formação ou reformação de ideologias. Insere a figura feminina no seu nada e insegurança para conscientizá-la da necessidade de mudança que foi lhe atribuída historicamente. As narrativas colocam as personagens em ação, como coisa que vive e ama, em uma dualidade entre coisa e humano. E suas ações e pequenas tentativas de fuga são vontades ocultas de refazer sua humanidade perdida, sendo, portanto, personagens objetos que buscam sua subjetividade e identidade.

Qualquer manifestação que impeça a existência do ser e de suas potencialidades de

desenvolverem extermina a essência do indivíduo, pois é ela que possibilita as manifestações individuais e a construção da identidade e personalidade. De acordo com o pensamento de Fernandes (2012, p. 51):

Somente o homem, até onde alcança a sua experiência, foi introduzido no destino da existência, sendo, por conseguinte, o único que tem consciência de poder ser, ou não poder ser, porque impedindo de realizar-se. Por esse motivo, o existencialismo, partindo da existência, busca a essência do homem esquecido e abandonado, para restituir-lhe humanidade, transformá-lo em ser essencializado, curar e cuidar. (FERNANDES, 2012, p. 51)

A mulher em pleno século XXI conquistou direitos nunca imaginados pela sociedade tradicionalista. Com dupla jornada de trabalho assume diversos papéis e responsabilidades. Refletir sobre os períodos que antecedem essa ascensão é de grande relevância social, já que não foi fácil sua inserção ativa na sociedade capitalista e globalizada.

Percebemos claramente com as personagens Ana e Laura que no Brasil e no mundo, o preconceito foi notório e a mulher submissa e vitimada pelos padrões e normas que obtiveram como herança, e para muitas carregadas como um fardo. Beauvoir (1980, p. 307) considera que: “Reconhecer um ser humano na mulher não é empobrecer a experiência do homem: esta nada perderia de sua diversidade, de sua riqueza, de sua intensidade, se assumisse em sua intersubjetividade”, ainda deduz que (1980, p.236): “a partir do momento em que se torna livre, a mulher não tem outro destino senão aquele que ela cria livremente”. Mas família continua sendo uma célula social primordial, cabendo a mulher a função dupla de trabalhar e de ser dona de casa.

O papel da mulher como revelado nos contos, abrange aspectos sociais, culturais e psicossociais em qualquer época. Nessa perspectiva, a cultura influencia a sociedade. Ela projeta conceitos de padronização e normatização que devem ser seguidos ou aceitáveis. O sociólogo E. T. Hiller (1976, p. 85) afirma que a pessoa desempenha uma função-chave no círculo social: “A mãe desempenha sua função- chave no lar, no processo de gerar e criar filhos e no cuidado da casa”.

Os discursos culturais moldam o indivíduo, por isso a visão crítica do ser humano deve voltar se para a igualdade, respeito e humanidade. A reflexão deve ser imediata sobre as conquistas adquiridos pela luta feminina, buscando uma mudança e quebra de paradigmas. A sociedade precisa de orientação, conscientização e discussão a respeito do papel feminino na sociedade. Em um mundo tão moderno, é inaceitável a discriminação, que traz perdas ao indivíduo e organizações sociais, e provoca alterações permanentes nas relações interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana vive intensamente sua função social, acreditando que essa foi sua escolha. A partir do momento do fluxo de consciência e da epifania surge um novo olhar diante do mundo, em que a separação entre as coisas não existe. No final a personagem retoma seu papel ao segurar a mão do marido, perdendo assim a oportunidade de ser sujeito de sua própria história.

Laura renuncia a sua vida, mas é o desequilíbrio emocional que mascara a realidade em prol da sua segurança do lar. Revela-se uma mulher que apesar de oprimida, ao mesmo tempo se torna um agente de transformação. Vive em um sistema condicionante sem nenhuma possibilidade de superação. O inconformismo de Laura diante da sua condição de sujeito é demonstrado por um corpo disciplinado que busca libertação, cortando a comunicação com o mundo e fugindo da rotina do mundo lógico. A imitação da rosa não possui um completo modelo familiar representativo do patriarcado, já que existe a ausência de um filho.

O papel da mulher nos contos de Clarice Lispector centraliza-se no núcleo familiar, seus afazeres domésticos, bem como a função de zelar sempre em prol do bem estar de todos, sendo reprimidas e condenadas à resignação em padrões sociais que não considera os seus desejos, direito de escolha ou sua liberdade.

O ser feminino ao longo da história vem sendo construído por meio de relações de poder. A dominação masculina apresentada na narrativa confirma o regime opressor como um processo natural em que a mulher tem que cuidar da família e ser excelente dona de casa. Rimbaud (1872) afirma que “então ela será plenamente um ser humano quando quebrar a escravidão infinita da mulher, quando ela viver por ela e para ela”. Apesar de estarmos em uma nova era e ordem social não dá para apagar as ações repressoras do passado com diferentes discursos impostos pela sociedade patriarcal.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**; tradução de Sérgio Millet.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORGES, Luciana. **A mulher na escrita e no pensamento: ensaio de Literatura e percepção**. Goiânia: FUNAPE/ DEPECAC, 2013.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Mulheres, gênero e violência**. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2015.

CANDIDO, Antônio. **Presença da literatura brasileira: história e antologia**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral**. 10. Ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1976.

FERNANDES, José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: Pronto Editora Gráfica, 2012.

FIGUEIREDO, Gilberto Martins. **Dossiê- Culpa e transgressão**. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

KLEN, Otan. **As opções da nova sociedade**. Editora Documentos Ltda. São Paulo, 1969.

LISPECTOR, Clarice, 1925- 1977. **Laços de família: contos**- Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MONTERO, Teresa. **Clarice na cabeceira**. Rocco, Rio de Janeiro, 2009.

MUNIZ, Cristian. **Coleção Mestres da literatura 2**. São Paulo: PAE-Programa de assistente ao estudante, 2010.

OLÍMPIO, Francisco Pinto. **Em tempo de histórias**- Publicação de Programa de Pós- Graduação em História, PPG- HIS/ UNB, N 11, Brasília. 2007.

Revista Literatura em Debate, v. 9, n. 16, p. 143-159, ago. 2015. Recebido em: 20 mar. 2015. Aceito em: 28 maio 2015.

SANTOS, Roberto Côrrea dos. **Clarice, ela**. São Paulo: IMS - Instituto Moreira Salles, 2012.

Signótica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/ faculdade de Letras. - Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/ Faculdade de Letras, 2014.

WEHLING, Arno. **Formação do Brasil colonial**.- 2 ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.